

CRISE DA ÁGUA

SECA AMEAÇA 40 MILHÕES DE PESSOAS

Levantamento da Agência Nacional de Águas revela que seis bacias hidrográficas sofrem com a escassez de chuva; índice está 20% abaixo da média histórica



CLEIDE CARVALHO
cleide.carvalho@sp.oglobo.com.br

-SÃO PAULO, PROPRIÁ (SE)- A seca na Região Sudeste não esvazia apenas os reservatórios paulistas. Um levantamento feito pela Agência Nacional de Águas (ANA) a pedido do GLOBO mostra que seis das principais bacias hidrográficas brasileiras enfrentam problemas, ameaçando moradores de nove estados e do Distrito Federal. São cerca de 40 milhões de pessoas afetadas — o equivalente a 20% da população brasileira. Os principais rios atingidos têm, em comum, a dependência das chuvas que caem em Minas Gerais, estado que é uma espécie de divisor das águas que correm pelo Brasil.

Os rios São Francisco, Grande, Doce, Paraíba do Sul, Paraná e Jequitinhonha enfrentam problemas em maior ou menor grau. Em geral, chove cerca de 1.400 milímetros na Região Sudeste durante o ano hidrológico, que termina em setembro. Até agora, choveu metade disso. Segundo dados da Administração Oceânica e Atmosférica Nacional dos Estados Unidos (NOAA, em inglês), as chuvas que caíram no Brasil foram 20% menores do que a média. No Sul de Minas e no Oeste paulista, choveu 60% menos.

— A seca fez com que São Paulo ficasse em uma situação semelhante à do Nordeste — resume o professor Augusto José Pereira Filho, do Departamento de Ciências Atmosféricas do Instituto de Astronomia, Geofísica e Ciências Atmosféricas da Universidade de São Paulo.

Se a seca transforma cenários em São Paulo, piora ainda mais a situação do Rio São Francisco, o principal do Nordeste. Com nascentes na Serra da Canastra, em Minas, o Velho Chico já não chega ao mar. A água salgada adentra 25 km de seu leito e, a 85 km de sua foz, entre Alagoas e Sergipe, já se pesca peixe do mar, algo comum apenas nas áreas mais próximas ao oceano.

— O rio está ficando fraco, e o mar, mais forte. Não sabemos até quando o rio vai aguentar — diz Maria Izaltina Silva Santos, líder da comunidade de Brejão dos Negros (SE), que vive da pesca e da cultura de arroz no Baixo São Francisco, último trecho do rio, após as barragens de hidrelétricas.

No Rio Grande, a vazão de água em julho foi de 33 metros cúbicos por segundo, a pior em 84 anos. No Paraíba do Sul, seu maior reservatório, o de Paraibuna, baixou a 12,23% de sua capacidade, levando à redução de 5 mil litros por segundo na vazão de água que chega à barragem de Santa Cecília, onde é feita a transposição para o Rio de Janeiro. O Rio Doce, que em dezembro transbordou e causou enchentes no Espírito Santo, baixou drasticamente nos últimos me-

ses: em locais onde o nível de água ultrapassou nove metros, hoje ela não passa de dois metros. O Rio Paraná, por sua vez, baixou a ponto de interromper o transporte por hidrovia.

Mas são as águas do Velho Chico que refletem conflitos comuns a vários setores no Brasil: uma mistura de política, grandes negócios e uma população ainda impotente diante de seu futuro.

No Brejão dos Negros, a água salobra é realidade, mas até a altura de Penedo (AL), a 40 km da foz, a cunha salina se faz presente. No assentamento Borda da Mata, 85 km rio adentro, já há siris. Os peixes de rio estão menores e mais raros. Boa parte desapareceu. Não há mais surubim, piaba ou mandim. Em trechos do rio onde a profundidade chegava a 15 metros, agora é possível cruzar a pé.

Em 2006, um estudo da Universidade Federal de Alagoas detectou intrusão salina numa distância de 6 km da foz do São Francisco. Na época, a vazão média no Baixo São Francisco era de 2.041 metros cúbicos por segundo, quase o dobro da atual. Este ano, com a seca, a vazão na barragem de Sobradinho foi reduzida, para 1.100 metros cúbicos por segundo, 15% menor do que a mínima estabelecida pelo Ibama, de 1.300 metros cúbicos por segundo.

No projeto Jaíba, no norte de Minas Gerais, o maior projeto de irrigação do país, o clima é de intranquilidade.

— Quando a vazão foi reduzida no reservatório de Três Marias, a orientação foi não aumentar os plantios. A vazão do rio aqui está em 190 metros cúbicos por segundo, menos da metade do normal. Nunca aconteceu isso nesta área. É diferente e assustador — diz Marcos Medrado, gerente da etapa 1 do projeto Jaíba, que reúne cerca de 1.800 pequenos agricultores, responsáveis por cerca da metade da produção de sementes de hortifrúti do país.

— Temos uma seca de gestão. Há aumento desordenado de demandas hídricas, uma festa de outorgas. Temos uso excessivo, desperdício e até contaminação por agrotóxico. Falta cuidado da União e dos estados nas ações de recuperação hidroambiental — diz Luiz Alberto Rodrigues Dourado, do Comitê da Bacia do Rio São Francisco.

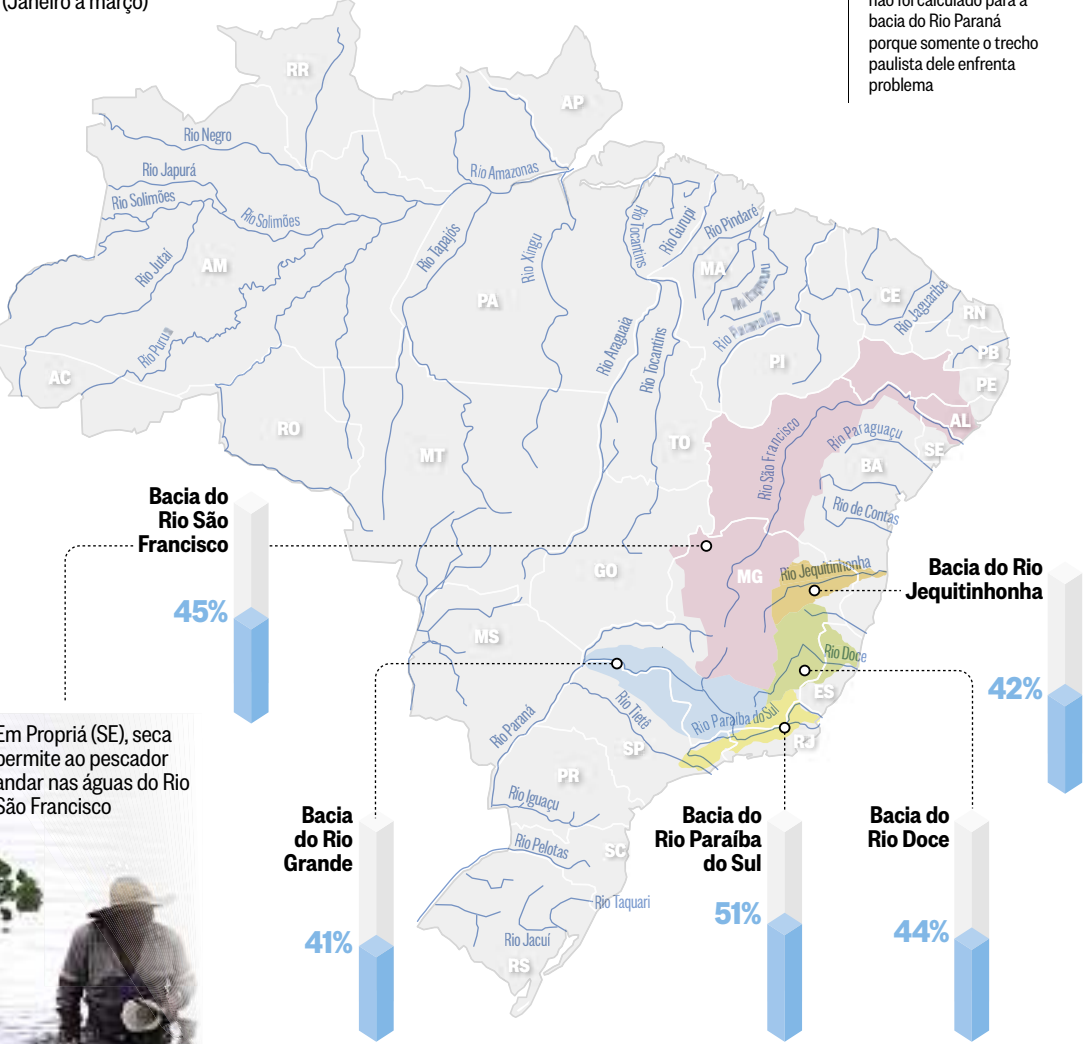
O GLOBO procurou o Ministério do Meio Ambiente e a Agência Nacional de Águas (ANA) para discutir os problemas causados pela seca e a gestão de recursos hídricos no país, mas eles não concederam entrevistas. ●



Assista ao vídeo: A seca do Velho Chico

QUADRO CRÍTICO

Percentual de chuva em relação à média esperada para o período do ano (Janeiro a março)



Observação: O percentual não foi calculado para a bacia do Rio Paraná porque somente o trecho paulista dele enfrenta problema

RETRATOS DO BRASIL

Às margens do São Francisco, ‘marés’ substituem ‘cheias’

Municípios que produziam arroz trabalham agora na criação de camarão para sobreviver

CLEIDE CARVALHO
cleide.carvalho@sp.ogobo.com.br

-PROPRIÁ (SE)-

Como a cumprir antigas profecias, o Velho Chico perde força e cede seu leito ao mar. Antes das barragens em cascata que culminam no gigantesco lago de Sobradinho e, por fim, na hidrelétrica de Xingó, a apenas 180 km da foz, entre Alagoas e Sergipe, os ribeirinhos conviviam com grandes cheias. As águas volumosas transbordavam, formando lagoas. Nelas, plantava-se arroz.

O primeiro sinal de mudança veio com o aumento no nível do mar, no fim da década de 1990, quando as comunidades de Cabeço e Costinha tiveram de ser remanejadas. Ao mesmo tempo, o controle da vazão no Baixo São Francisco feito pelas hidrelétricas, pôs fim às cheias e correntezas. No pequeno município de Ilhas das Flores, a 25 km da foz, os pescadores já nem falam mais em cheia, mas em maré.

— A gente vê pela correnteza. Não é o rio que desce, é o mar que sobe. O rio virou lago — diz José Cornélio Santos, o Queléu, de 56 anos, presidente da colônia de pesca de Ilha das Flores.

Mas é na comunidade de Resina, em Brejo Grande, que a entrada do mar e a gestão do rio saltam aos olhos. A energia elétrica só chegou ali em 2012, 99 anos após a inauguração da primeira hidrelétrica do Nordeste. Os moradores dependem do rio para pescar, plantar e beber. Há dois anos, a plantação de arroz começou a amarelar e secar. Quando chega a brotar, o grão fica chocho.

— Aqui a água está salobra. A gente pega a água salgada e bebe, mas não mata a sede — conta Gilvan Rosa dos Santos, de 20 anos, que nasceu e cresceu às margens do rio.

Para ele, a saída para o futuro de Resina é usar as lagoas e o rio para criar camarão — camarão de água salgada.

Parece também difícil de acreditar, mas, em pleno leito do São Francisco, centenas de pescadores depositam esperanças num projeto de criação de tilápias em cativeiro. Dia e noite, fazem vigília para evitar o roubo dos peixes e para engordá-los com a ração usada nos seis núcleos já implantados.

— O mar se aproveita da fragilidade do rio. O destino é a área se transformar num grande estuário — diz o professor Luiz Carlos Fontes, do Laboratório Georioemar, da Universidade Federal de Sergipe.

O progresso movido à eletricidade mudou a relação entre o homem e o rio. O Velho Chico perde água com o desaparecimento de nascentes, veredas e afluentes. Pelo menos 16 rios da bacia, que eram perenes, hoje são intermitentes — secam durante parte do ano. Calcula-se que o rio já tenha perdido entre 35% e 40% de seu caudal.

ILHAS DE AREIA E EROSÃO

Com águas paradas, multiplicam-se ilhas de areia. Nada menos do que 95% das margens do São Francisco sofrem com erosão. Antigamente as ilhas era menores e mudavam de lugar com a correnteza. Nos últimos oito anos, elas estão se tornando fixas e maiores. Fazendeiros tomam posse para alimentar gado.

— Quando cheguei aqui, na década de 1980, não tinha esse tanto de ilha. Vinha a correnteza e arrastava os bancos de areia. Agora que a água corre pouco, as ilhas ateram o rio. Muita água foi embora. O rio ficou raso e fino — diz o pescador José Lima Rosa, o Galego, de 58 anos

Diante do assentamento Borda da Mata, em Canhoba (SE), o rio baixou cerca de 10 metros. Há trechos onde não passa de 50 centímetros. Algumas ilhas têm 2 km. Os moradores do Baixo São Francisco temem o futuro com a transposição das águas.

— Os governantes falam que vão tirar apenas 1% (de água), mas não sabemos quanto este 1% vai nos custar. Não sabemos o que vai ser da gente daqui para a frente — afirma Maria Izaltina Silva Santos, da comunidade de Brejão dos Negros, que fica na foz do rio. ●



O RIO QUE VIRA MAR

Em Brejo Grande (SE), o agricultor e pescador Gilvan Rosa dos Santos perdeu a plantação de arroz com a salinização do Rio São Francisco



A FAUNA TAMBÉM MUDA

No município de Neópolis (SE), pescadores mostram siris, animais típicos de água salgada. Todos foram pescados na região



EMBARCAÇÕES PARADAS

No município de Propriá (SE), chama a atenção o fato de a margem do Rio São Francisco estar totalmente tomada pela vegetação